



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Centro de Letras e Artes
Escola de Belas Artes

Alice dos Santos da Silva

Do Fio a Terra:

O apagamento e a subjetividade da identidade indígena
contemporânea no Brasil

Rio de Janeiro

2023

Alice dos Santos da Silva

Do Fio a Terra:

O apagamento e a subjetividade da identidade indígena contemporânea no Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Artes Visuais – Escultura

Orientador (a): M^a Elisa Campelo de Magalhães

Rio de Janeiro

2023

CIP - Catalogação na Publicação

S586f Silva, Alice dos Santos da
Do Fio a Terra: O apagamento e a subjetividade da identidade indígena contemporânea no Brasil / Alice dos Santos da Silva. -- Rio de Janeiro, 2023. 41 f.

Orientadora: Maria Elisa Campelo de Magalhães. Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes, Bacharel em Artes Visuais: Escultura, 2023.

1. Identidade indígena. 2. Arte contemporânea. 3. Bordado. 4. Colonialismo . I. Magalhães, Maria Elisa Campelo de, orient. II. Título.

Alice dos Santos da Silva

Do Fio a Terra:

O apagamento e a subjetividade da identidade indígena contemporânea no Brasil

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Artes Visuais – Escultura

Apresentado em: 19/10/2023

Aprovado em: 19/10/2013

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Mª Elisa Campelo de Magalhães
(Orientadora - Universidade Federal do Rio de Janeiro)



Profa. Dra. Katia Gorini
(Avaliador – Universidade Federal do Rio de Janeiro)



Prof. Dr. Paulo Vicente da Veiga Jordão
(Avaliador - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Rio de Janeiro
2023

AGRADECIMENTOS

Ao Criador, que me deu o sopro de vida e me ajudou a permanecer firme para chegar até aqui;

À minha família que me incentivou e apoiou meus estudos;

A todos os professores que passaram pela minha vida e deixaram um pouco de seus conhecimentos comigo a ser capaz de entrar na universidade;

À minha orientadora que sempre acreditou no poder das minhas palavras e não deixou que os desafios da escrita me amedrontassem;

Agradeço aos meus amigos que permaneceram comigo durante todo o tempo e não foram embora durante todo o caos dessa trajetória;

Ao meu amor por sempre me encorajar e acreditar na minha capacidade de conseguir conquistar qualquer coisa.

E por fim e não menos importante, à Escola de Belas Artes por me conceder conhecimento e me fazer enxergar a arte presente em todos os aspectos da vida.

Sem vocês nada disso seria possível. Muito obrigada!

“Só o retorno à origem, esse mergulho no passado primordial do ser humano, possibilita regenerar a existência”.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso visa abranger minha pesquisa no campo visual da arte contemporânea, iniciada oficialmente há cinco anos, investigando experiências que, em sua maioria, dizem respeito a um apagamento da identidade étnica, vivenciado por tantos outros indivíduos. O texto traz a relação apagamento/tempo/cura, transmutando experiências em obras, principalmente têxteis que, em 2022, serviram de material para minha primeira exposição individual, “Do Fio a Terra”. Relatando a experiência nesse lugar de não pertencimento, as obras abrem espaço de reflexão e retomada, desdobrando-se em subjetividades que expressam o cerne do resgate compartilhado com outros indivíduos que se reconstroem a partir das ruínas deixadas pelos invasores coloniais. Só escrevemos uma memória ou uma dissertação porque também construímos e escrevemos com os pés, caminhando, lutando, porque o nosso conhecimento é coletivo. (XACRIABÁ, Célia *in* LIMA, Martha Batista de, org. página 19, 2023)

Palavras-chave: arte contemporânea, bordado, colonialismo, identidade indígena.

ABSTRACT

This course conclusion work aims to cover my research in the visual field of contemporary art, officially started five years ago, investigating experiences that, for the most part, concern an erasure of ethnic identity, experienced by so many other individuals. The text brings the relationship of erasure/time/healing, transmuting experiences into works, mainly textiles that, in 2022, served as material for my first personal exhibition, "Do Fio a Terra". Reporting the experience in this place of non-belonging, the works open a space for reflection and recovery, unfolding into subjectivities that express the core of the rescue shared with other individuals who rebuild themselves from the ruins left by the colonial invaders. We only write a memoir or a dissertation because we also build and write with our feet, walking, fighting, because our knowledge is collective. (XACRIABÁ, Célia in LIMA, Martha Batista de, org. page 19, 2023)

Keywords: contemporary art, embroidery, colonialism, indigenous identity.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 – Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú (2017)	15
Figura 2: Recorte, Mapa Etno-Histórico Curt Nimuendajú (2017)	16
Figura 3: Recorte Nordeste, Mapa Etno-Histórico Curt Nimuendajú.	17
Figura 4: Huilpil da Guatemala	20
Figura 5: Recorte Huilpil da Guatemala	20
Figura 6: Tucum Brasil. Fonte: Tucum Brasil, 2016.	21
Figura 7: Artesã da etnia Huni Kuin fazendo tecelagem em algodão.	22
Figura 8: Parede da Memória, Rosana Paulino (1994/2015).	22
Figura 9: Recorte, Parede da Memória, Rosana Paulino (1994/2015).	23
Figura 10: SILVA, Alice. "Ferida Aberta", Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.	25
Figura 11: SILVA, Alice. Recorte "Ferida Aberta"	26
Figura 12: SILVA, Alice. "Quotidiano", Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.	28
Figura 13: SILVA, Alice. Recorte "Quotidiano"	29
Figura 14: SILVA, Alice. Recorte "Quotidiano", Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.	29
Figura 15: SILVA, Alice. Recorte "Nós Somos"	30
Figura 16: SILVA, Alice. "Nós Somos", Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.	31
Figura 17: ESBELL, Jaider. Makunaima – VI, 2018.	32
Figura 18: SILVA, Alice. "Elos Identitários", Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.	33
Figura 19: SILVA, Alice. Recorte "Elos Identitários"	34
Figura 20: SILVA, Alice. Recorte Nascente "Elos Identitários"	35
Figura 21: SILVA, Alice. Recorte Nascente "Elos Identitários"	35
Figura 22: Piso nobre, Museu da República, 2022.	36
Figura 23: Alice Silva & Alícia Nolyq. "Terra Fortuna", Museu da República, 2022.	38
Figura 24: Alice Silva & Alícia Nolyq. Recorte "Terra Fortuna"	38

SUMÁRIO

1- INTRODUÇÃO	12
2- APAGAMENTO DA IDENTIDADE INDÍGENA	14
3- O BORDADO NAS AMÉRICAS	18
3.1. O bordado no Brasil	19
4- EXPOSIÇÃO: DO FIO A TERRA	22
4.1. Ferida Aberta	23
4.2. Quotidiano	26
4.3. Nós Somos	29
4.4. Elos Identitários	32
5- TERRA FORTUNA NO MUSEU DA REPÚBLICA	35
6- À GUIA DE CONCLUSÃO	38
7- BIBLIOGRAFIA	39

1. INTRODUÇÃO

A presente monografia pretende abordar desde o contexto histórico até a reflexão sobre o apagamento identitário e subjetividades que se faz presente dentro dos corpos indígenas das cidades.

Trazendo para o centro as consequências desse apagamento, de que forma podemos nos reconectar com nossos ancestrais a fim de retomar as origens quando não se sabe, por muitas razões, de onde viemos? Com isso, trago o bordado como mecanismo de resistência para explorar esse lugar de não pertencimento.

Tudo se inicia em um lugar que não sei a origem, embora a face no espelho seja conhecida, ela espera ser encontrada como numa brincadeira infantil de esconder em meio aos escombros de um passado atemorizador. Desta forma inicio a história que se repete em diversos corpos, onde há encontros, atravessamentos, afeto e cura, mas também vestígios de uma violência atemporal ocasionada pelo colonialismo.

Durante estes últimos anos, venho pensando nos porquês não ditos e nas perguntas não feitas. Com a consciência de que sou descendente das vítimas da fatídica história que se inicia em 1500, começo então por mim, me debruçando sobre minhas próprias indagações alcançando a quem partilha este período atual da vida através do fazer manual que, tal como as raízes do arabutã¹, está profundamente enraizado no vermelho de quem eu sou. Tenho desenvolvido trabalhos que atravessam muitos indivíduos, nos quais meus interesses vão ao encontro dos de outros parentes ancestrais, artistas, familiares e amigos, que contribuíram para a elaboração deste material. Além de todos os pensamentos escritos e repassados pelos indígenas que atualmente estão no meio acadêmico, todos eles tiveram um papel fundamental na minha própria compreensão desse apagamento identitário, onde a motivação para continuar se encontra na potência de recuperar a voz que foi silenciada e o lugar que nos foi negado como corpos descendentes daqueles que resistiram anos de extermínio para que pudéssemos contar nossa história.

¹ ARABUTÃ: em tupi-guarani significa literalmente: “a árvore (madeira) vermelha” (ara (guara) + butã (pitã). BOTÂNICA (Caesalpinia echinata) árvore tropical, da família das Leguminosas, nativa da mata atlântica no Brasil, de madeira avermelhada, utilizada em marcenaria e para extrair matéria corante, tem flores amarelas e vagens oblongas; pau-brasil.

Em 2019, ano em que cheguei à universidade, fui confrontada pelos assombros dessa identidade da qual, por vezes, tentei fugir para me adequar ao ambiente. No processo de amadurecimento de ideias, estudar sobre aqueles que vieram antes me ensinou que não somos construídos pelas palavras do outro, mas pelo encanto que já nasce enraizado em nós e que quando demonstrado, através dele, a cura que ocorre neste coletivo fortalece o resgate da ancestralidade. Assim, através do fazer com têxteis, essas trocas se desdobraram em uma exposição individual nomeada “Do Fio a Terra”, trazendo ao público as subjetividades contidas nesta identidade em constante reconstrução.

No primeiro capítulo desta monografia, trago ao leitor o principal impulsionador das demais questões: o apagamento da identidade indígena. Onde serão levantados dados fundamentais para embasar os capítulos seguintes entre história e consequência, que são vistos por mim como uma ordem cronológica de apagamento-tempo-cura.

A essência subjetiva desta monografia estará mais precisamente dentro das obras que serão divididas em pequenos capítulos onde farei uso tanto da primeira pessoa para trazer ao centro minhas próprias vivências como também na terceira pessoa para falar sobre esse coletivo que foi tão importante para esta dissertação que eu me coloquei como porta-voz.

Além disso, será possível perceber que o uso bibliográfico ficará mais restrito às figuras indígenas contemporâneas para se desvencilhar do formalismo eurocêntrico e apontar para a importância de trazer de volta a voz da experiência ancestral, lembrando à humanidade que não há nada que floresça, seja a mais avançada tecnologia computacional, um foguete que penetra o espaço longínquo, que não venha da terra (WERÁ, Kaká *in* LIMA, Martha Batista de, org. pág. 45, 2022).

2. APAGAMENTO DA IDENTIDADE INDÍGENA

Embora atualmente haja a crescente repercussão quanto às questões que irei tratar nesse capítulo, ainda é pouco discutido sobre os indígenas que cresceram nas cidades e que estão fora do padrão cultural conhecido pela sociedade. Esses indivíduos são resultantes de uma aculturação e miscigenação em massa, mas nem mesmo isto é capaz de apagar completamente as origens, atualmente, através do autorreconhecimento individual e coletivo com uma comunidade indígena somos reconhecidos como tal, independente do local que residimos. Mas ainda há muitas desavenças quanto a isso e em grande maioria, por sermos um grupo de minorias majoritariamente marginalizado, existem grandes meios de negar e dificultar essas retomadas.

Primeiramente, quero situar que, historicamente, os povos originários são os indivíduos que sofreram o mais vasto genocídio – genocídio esse que se expandiu e perdura até os dias atuais, embora não seja um fato dito abertamente e nem reconhecido por muitos. Dentro dessa violência há muitos meios que são utilizados para continuar esse processo de inibir a existência desses corpos, uma delas é o apagamento identitário. Ele é responsável por colocar o indivíduo em um lugar de não pertencimento que o distancia da memória ancestral através da dominação daqueles que detiveram o poder de apagar e desaparecer com os indícios deixados pelo caminho durante e depois da “descoberta do país”.

Atualmente no Brasil, de acordo com dados do Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontam que no ano de 2022 o país chegou a 1.693.535 pessoas autodeclaradas indígenas, sendo pouco mais da metade concentrada no estado do Amazonas. Esses dados são capazes de evidenciar o número extremamente baixo comparado ao antes do declínio da população indígena, aproximadamente cinco milhões de habitantes, na chegada dos portugueses. Um bom exemplo demonstrativo pode ser observado no Mapa Etno-Histórico do Brasil e Regiões Adjacentes, de Curt Nimuendajú, onde marca a presença de povos originários atuais e aqueles que sucumbiram no processo da colonização do território brasileiro:

Desenvolvido pelo etnólogo germano-brasileiro Curt Nimuendajú, o mapa apresentado acima carrega em si um valor indispensável de conhecimento para toda gente que deseja compreender um pouco melhor sobre os povos indígenas durante e após o processo de colonização do território brasileiro. Neste mapa, através da jornada iniciada por Curt em 1906, é possível identificar muitas etnias atuais e seus troncos linguísticos e migrações dentro do território brasileiro, além daquelas datadas como extintas e de línguas isoladas ou desconhecidas. Estão catalogadas mais de mil e trezentas etnias juntamente a mais de 40 idiomas, mas devemos salientar que o mapa resume a bibliografia encontrada até meados de 1944, após esta data muitos outros povos foram conhecidos, principalmente na Amazônia.

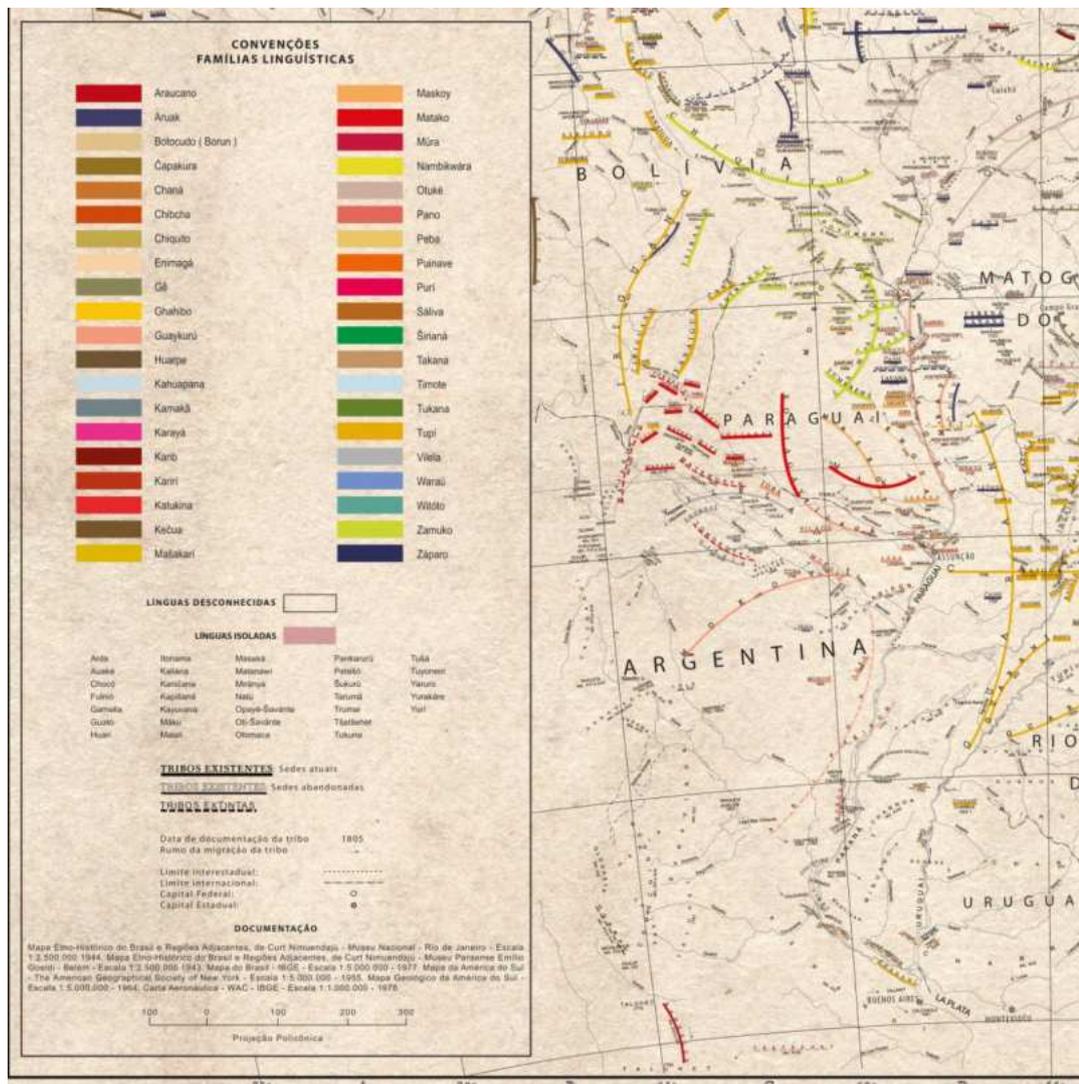


Figura 2: Recorte linguístico, Mapa Etno-Histórico Curt Nimuendajú.



Figura 3: Recorte Nordeste, Mapa Etno-Histórico Curt Nimuendajú.

Os esforços de Nimuendajú para a criação desta obra e os demais envolvidos que se habilitaram de disponibilizar o conteúdo gratuitamente na internet, contribuíram imensamente para meu conhecimento geográfico das etnias que residiam na época dos meus avós, na região nordeste do país entre os estados do Maranhão e Piauí. Pela falta de registros e ausência de lucidez daqueles que seriam como vivas bibliotecas humanas da minha parentela, Curt se fez essencial para esse conhecer territorial e linguístico de possíveis etnias que, talvez, eu faça parte.

Contudo, é possível perceber que estamos presenciando uma nova era para os povos originários na contemporaneidade, especialmente em relação ao lugar de fala. A internet e as redes sociais, como instagram e twitter, possibilitam esse engajamento que é capaz de repercutir por todo o mundo de forma que traz cada vez mais o olhar e a voz do indígena para dentro das discussões que antes eram executadas sem a presença de uma liderança que os representasse de fato. Além disso, cada vez mais pessoas se autodeclaram ou buscam suas ancestralidades

através de cansativas pesquisas, que muitas vezes não as levam a um resultado conclusivo, devido a grande dificuldade de rastrear os indícios como ditos anteriormente, mas isto não se torna de fato um empecilho para continuar no processo de retomada, com a ascensão de lideranças em todos os estados do Brasil é possível encontrar meios para se conectar uns aos outros, seja no compartilhar de experiência dentro desse lugar de neblina que é estar num corpo com a identidade fragmentada, ou nos movimentos contra as violências que persistem em ser acometidas aos nossos povos.

Através dessa troca de vivências com outros parentes originários que residem nas cidades, percebi que a família a quem somos entregues no nascimento carrega consigo uma pequena parcela daqueles que hoje buscamos fazer conhecidos. Porém, assim como a minha família e a de muitos outros brasileiros passaram por um processo de apagamento, os mais velhos estão buscando sobreviver a cada ano e não são estimulados a conhecer o passado, mas isso não é proposital, isto provém de séculos de aculturação, e assim como diz Paulo Nazareth na entrevista dada a revista Arte & Ensaio, muitos nativos que permaneciam em suas terras após serem tomadas perdiam a condição de indígenas e passavam para a condição de “bugres”, tornando-se trabalhadores do roçado e de geração em geração prestando serviços a famílias estrangeiras perdendo pouco a pouco essa memória (NAZARETH, Paulo. 2018).

Ainda assim é possível ver as marcas deixadas por essa memória, estão impressas em nós de muitas formas: costume de caça e pesca, comidas típicas da região e espiritualidade, independente de qual seja, a flor da pele. Ao partir desse entendimento, compreendo que minha pesquisa que aqui escrevo já se iniciava antes de mim e, dentro da universidade, fui atravessada por muitas flechas desse mesmo pensamento que se repete várias e várias vezes em outras mentes. Esses pensamentos foram fonte de inspiração para a materialização das minhas obras intituladas de “Ferida aberta”, “Quotidiano”, “Nós Somos” e “Elos Identitários”, apresentados mais adiante.

3. O BORDADO NAS AMÉRICAS

Quando escolhi o bordado como técnica para minhas obras, foi uma escolha condicionada pela essência do fazer manual, o qual foi e é muito explorado por nossos antecessores, desde o simples fazer cotidiano às construções mais complexas. O fazer com as mãos é uma herança que tem o poder de nos religar as origens, embora, às vezes, não saibamos com clareza quem as deixou na nossa memória. Ao falar da origem do bordado, reconhecem como uma técnica muito antiga onde as primeiras agulhas usadas para o remendo eram feitas de ossos e os fios, em sua maioria, de fibras vegetais ou de animais abatidos durante o processo de caça. Os primeiros registros dessas peças adornadas estão datadas na pré-história, mais ou menos no período paleolítico há 2,7 milhões de anos. Além disso, antigas civilizações e povos como os da China, Egito, Índia e Pérsia tinham a técnica do bordado como uma tradição essencial em suas culturas (CÍRCULO, 2020).

Na atualidade, é perceptível que o bordado e a costura não representam mais, somente, uma necessidade, está ligada principalmente à beleza. Com o avanço tecnológico que presenciamos, onde o ser humano está cada vez menos lucrativo para as indústrias e as máquinas tomam seus empregos, o bordado feito à mão se tornou um escape para que as pessoas expressem suas subjetividades levando o fazer manual a um nível de destaque valoroso. Porém, se formos tratar do bordado contemporâneo, ele ainda é uma técnica desvalorizada dentro da arte, mas felizmente isso vem sendo revertido aos poucos com a ascensão de artistas utilizando esse meio de expressão.

Partindo para a arte têxtil dos povos ameríndios, durante esses anos de pesquisa percebi que pouco se fala sobre o têxtil indígena no Brasil, diferente de outros países como o México, Peru, Colômbia entre outros, da qual possuem uma bagagem cultural que envolve a técnica de forma muito evidente. No México, por exemplo, cada etnia possui um padrão ou simbologia própria para confecção de huipiles². Muitas tradições permanecessem mantidas com esses povos e estão incorporadas na moda até hoje.

² Huipil: vestimenta tradicional feita à mão por artesões locais através da tecelagem e bordados de padrões coloridos e complexos muito utilizados por mulheres indígenas do México à América Central.

Figura 4: Huilpil da Guatemala



Figura 5: Recorte Huipil da Guatemala



Fonte: Instagram (@culturaentropa)

3.1. O bordado no Brasil

Pouco se sabe como esta técnica se desenvolveu no nosso território, algumas pesquisas apontam que tenha sido inserida pelos europeus a nossa cultura a fim de disseminar alguns de seus costumes. Entre os séculos XIX e XX, o bordado era ensinado em escolas direcionadas exclusivamente para meninas, fazendo com que a técnica transitasse entre o meio doméstico e feminino como uma ferramenta de regimento de educação para os primeiros grupos brasileiros femininos frequentarem o espaço escolar formal (PEREIRA, TRINCHÃO. pág. 12, 2021). Porém, também é dito que os indígenas que habitavam o território durante as épocas de colonização já possuíam o têxtil em seus costumes, incluindo o bordado, mas como procediam de matérias que se deterioravam facilmente com o tempo, quase não existem exemplos para serem exibidos e comparados com o que estamos habituados. Além disso, há outras razões para esse desconhecimento, a invisibilização desses têxteis também é

em decorrência da introdução têxtil apresentada pelos portugueses que, além de seus próprios padrões, também continha a mescla de padrões franceses e de outros países da Europa, ocasionando assim uma variação miscigenada desses encontros.

Atualmente, com o fácil acesso à matéria para a confecção desses objetos, que beiram a arte e o artesanal, muitas etnias no Brasil fazem uso desse meio para contar do cotidiano, da natureza e da espiritualidade muito presente nas aldeias ou fora delas. Apesar de o bordado ser uma técnica que sofreu intervenções externas, é possível ver a reivindicação dos saberes a partir daquilo que foi criado, demonstrando criatividade, reinvenção e principalmente autenticidade. Exemplos disso estão nos acessórios como brincos e colares tecidos manualmente que, juntamente com outras criações, para muitos indígenas contribui para a propagação de saberes das suas culturas e para o sustento financeiro de suas vidas dentro e fora das aldeias.



Figura 6: Tucum Brasil. Fonte: Tucum Brasil, 2016.



Figura 7: Artesã da etnia Huni Kuin fazendo tecelagem em algodão. Foto: Alice Haibara.

Para além do que já foi citado, é perceptível a crescente incidência do bordado no Brasil, atualmente tenho como principal referência para além da técnica, mas pela convocação a reflexão quanto uma identidade a artista Rosana Paulino. Abarcando em sua narrativa questões sociais, étnicas e de gênero, Rosana tem como foco em suas obras a posição da mulher negra na sociedade brasileira atual, sendo uma potente voz que evidencia as diversas violências sofridas por esses corpos em decorrência do racismo e das marcas deixadas pela escravidão. Na sua instalação “Parede da Memória” trago Rosana como fonte de inspiração para algumas das minhas peças, onde ela faz dessa relação de memória familiar ao mesmo tempo em que investiga tantas outras histórias que se repete em tantos outros indivíduos que são vistos como objetos de representação de outrem.



Figura 8: Parede da Memória, Rosana Paulino (1994/2015). Foto: Wilton Montenegro, 2019.



Figura 9: Recorte, Parede da Memória, Rosana Paulino (1994/2015).
Foto: Wilton Montenegro, 2019.

4. EXPOSIÇÃO “DO FIO A TERRA”

Os capítulos a seguir irão apresentar as obras contidas na exposição que realizei dentro da universidade como parte do currículo acadêmico e também base material para a realização deste trabalho de conclusão de curso. Muitas das obras expostas foram produzidas no decorrer dos anos dentro da universidade e que, em 2022, tornaram-se um amontoado que se propôs como um conjunto das minhas indagações e vivências englobadas em um só lugar. Do Fio a Terra é um nome que surge ao ouvir de um documentário sobre a história do bordado, cujo não me recordo o nome, a seguinte frase: “O fio nos acompanha do nascimento até a morte, sendo o cordão umbilical nosso primeiro contato com o mundo”. Essa frase me fez refletir sobre como o fio é algo muito presente em nossas vidas, desde esse primeiro cordão que após o nascimento nos conecta uns aos outros ao sermos jogados nessa terra.

4.1. Ferida Aberta

Sendo um dos primeiros trabalhos a dar início a minha individual, “Ferida Aberta” é um bordado com cavidades grandes e linhas vermelhas, fazendo, subjetivamente, alusão a uma sutura inconclusiva que não aperta as duas extremidades para fechar seu interior que se mantendo aberta é possível olhar as demais obras também pertencentes a exposição. Ser a primeira obra tem como intenção levar a significar que é possível ver as consequências dessa ferida. Esse trabalho surgiu, em primeira instância, no ano de dois mil e vinte, durante o período da pandemia da Covid-19, onde o isolamento me fez refletir sobre estes emaranhados de problemas que nos atravessam constantemente de muitas formas, onde muitas das vezes não sabemos o que fazer, mas os danos permanecem presentes.

Dentro desta obra busquei enfatizar primeiramente a questão da violência histórica sobre o genocídio, tendo como ponto de partida as leis indigenistas que eram pensadas para “consertar” o prejuízo ocasionado aos povos indígenas. Muitas dessas tentativas de arrumar as coisas acabaram sendo, intencionalmente ou não, mais uma forma de violência. Como exemplo as leis cheias de imposições não justas a moldes funcionais para aqueles que as criaram, mas disfuncionais para quem eram direcionadas. Um bom exemplo desse assunto está no texto “Abya Yala! Genocídio, Resistência e Sobrevivência dos Povos Originários das Américas”, pág. 2038. Onde cita como eram algumas dessas políticas e condições na época que foram criadas:

“Em 1757, o Marquês de Pombal proibiu por lei a escravidão dos índios no Brasil, reconhecendo-os como livres, sem nenhuma ressalva [...] Porém, ao mesmo tempo, Pombal tornou obrigatório o uso exclusivo oficial do idioma português em todas as partes do país. [...] Pois então começou o declínio do idioma franco utilizado em todo o território, o tupi-guarani [...]”

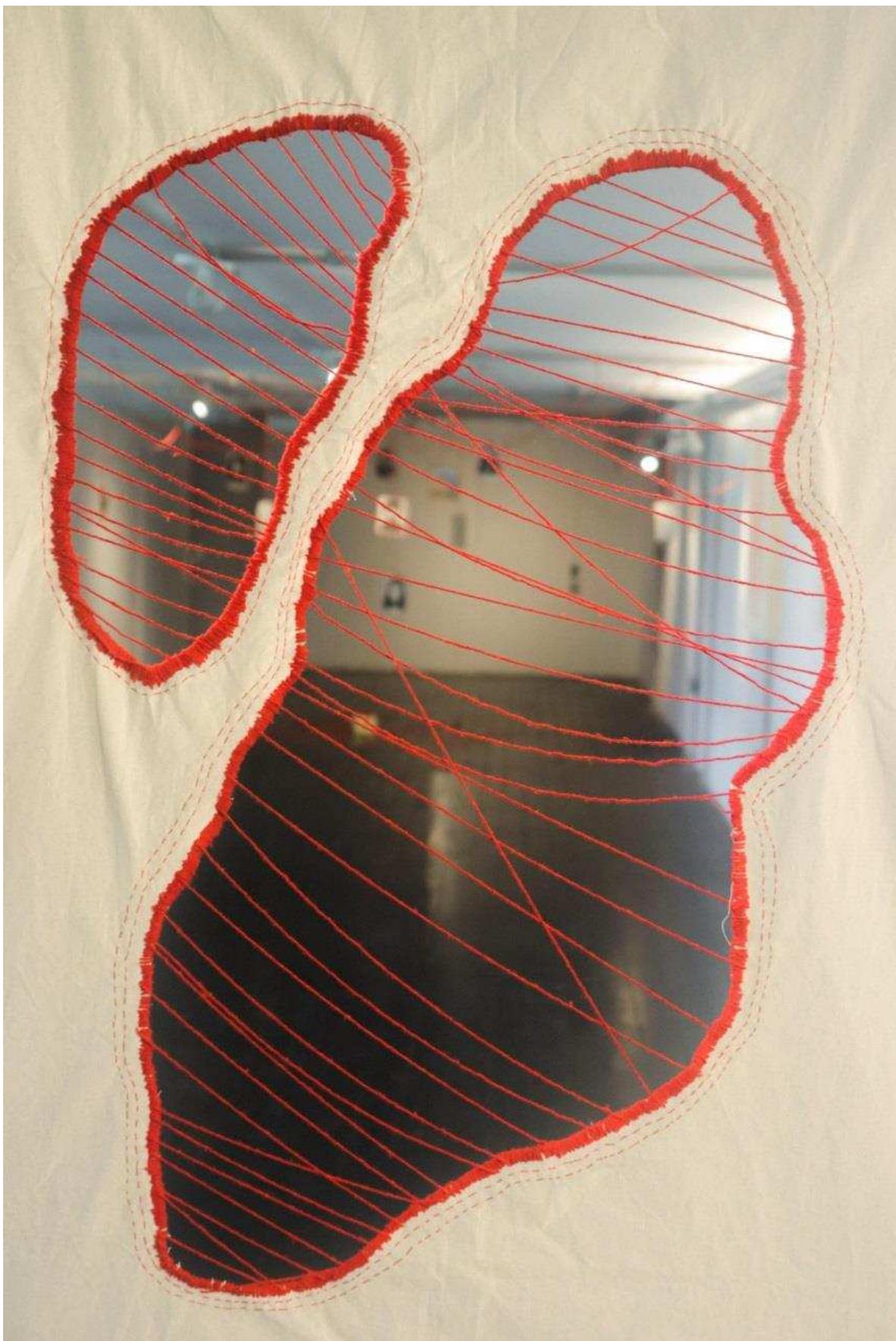


Figura 10: SILVA, Alice. "Ferida Aberta", bordado em tecido algodão cru, dimensões: 88 cm x 70 cm, Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.

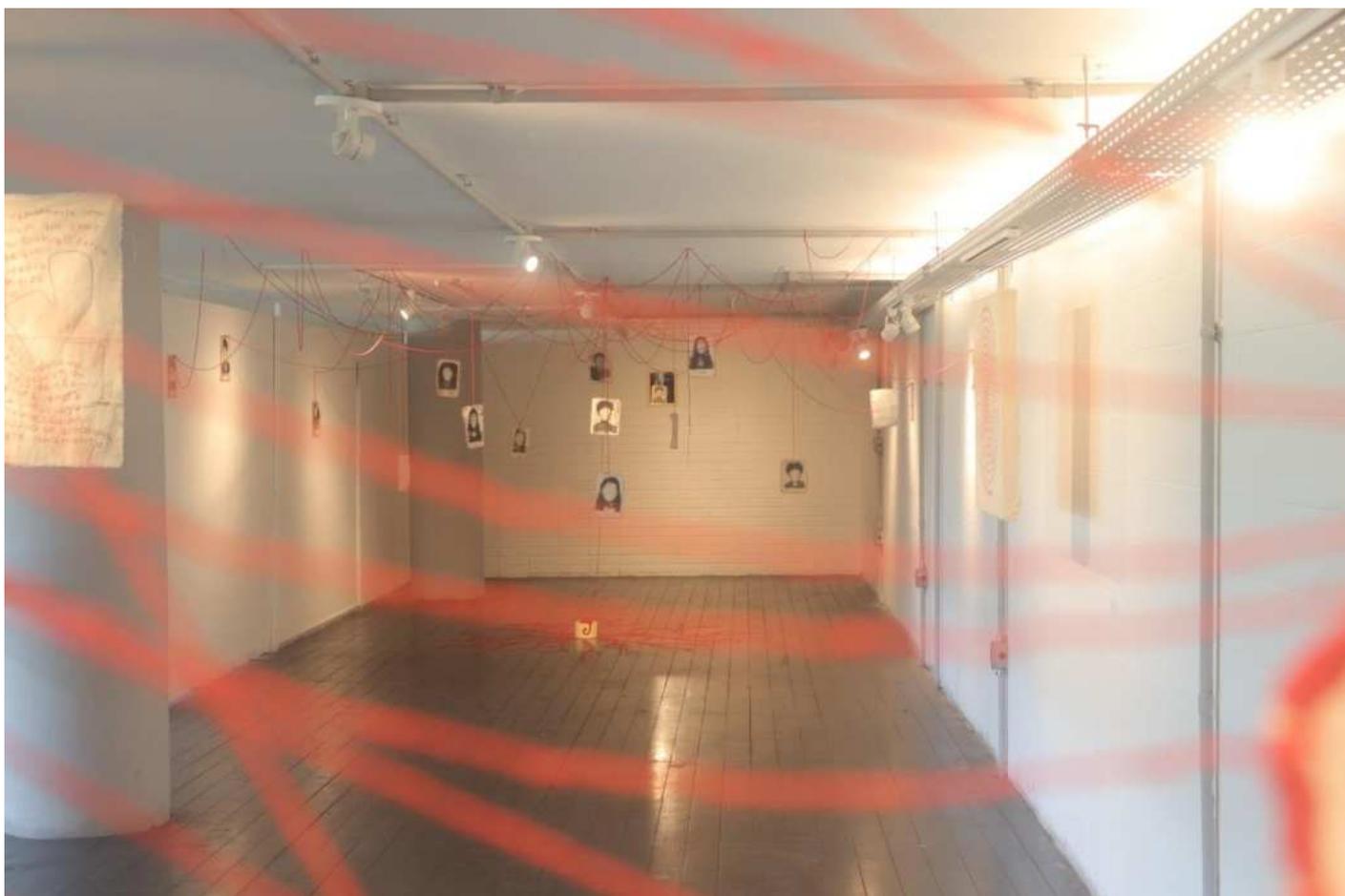


Figura 11: SILVA, Alice. Recorte "Ferida Aberta", Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.

Com isso, essa obra é uma fantasmagórica representação dessas políticas que possuíam a intenção de suturar a ferida que eles mesmos abriram, são suturas (políticas) repletas de tentativas falhas e inconclusivas que ocasionavam mais dor e mantinham aberta a ferida. Pensando no presente, essa obra também é uma representação das minhas próprias tentativas de me desfazer desse passado angustiante, dos pontos de interrogações sobre essa identidade que não é “nem daqui, nem de lá”, sempre no “entre” de algum lugar.

4.2. Quotidiano

Pensado nos pequenos detalhes do dia a dia que são ignorados quase que instintivamente pelo indivíduo contemporâneo das grandes cidades, esta obra bordada com fios vermelhos, narro a partida e chegada em algum lugar dentro do meu bairro. “Quotidiano” é a materialização da minha necessidade em estar ligada a manualidade, longe de toda tecnologia que nos cerca hoje a fim de trazer a liberdade de escrever sobre aquilo que me atravessava diariamente. De maneira a não me sentir sobrecarregada com as urgências que angustiam o mundo e as nossas vidas constantemente, porque assim como os não indígenas, temos direito a liberdade de expressão para criar o que nos transbordar a alma, porque também possuímos uma.

Sai do interior do estado do Maranhão ainda criança; lembro-me das brincadeiras, do cheiro de terra molhada, do vento no rosto ao correr das galinhas, das tanajuras³ no quintal, das flores amarelas que caíam da grande árvore que, quando seu tronco era machucado possuía a cor vermelha em seu interior, das urtigas em meu cabelo ao adentrar o mato a procura de tuturubá⁴. Desde aquele tempo, percebo a minha volta com atenção e as singularidades que cada pequeno detalhe possui e, apesar de estar em um ambiente completamente diferente, ainda continuo sentindo a natureza das coisas a minha volta. Por isso “Quotidiano” é uma obra tão importante para esse processo de cura após falar das feridas.

“Porque somos vozes que falamos de memória, tempo e histórias, territórios, palavras, símbolos e signos, de dores, corpos, direitos e apagamentos. Mas também de amor, da existência de um território comum, de pertencimento, de vida e de morte, de regeneração humana e sacralidade da vida, para todos os povos da Terra – nossa Mãe comum.” – (LIMA, Marta Batista de, p.9, 2022).

³ Tanajura: em tupi-guarani significa “Formiga que se come”, formigas-cortadeiras conhecidas também como saúvas.

⁴ Tukurubá: fruto globoso de sabor amiláceo adocicado da árvore *Pouteria Macrophylla*, nativa da Amazônia, conhecida como “cutite”, “abiu”, “tukurubá” entre outros termos.

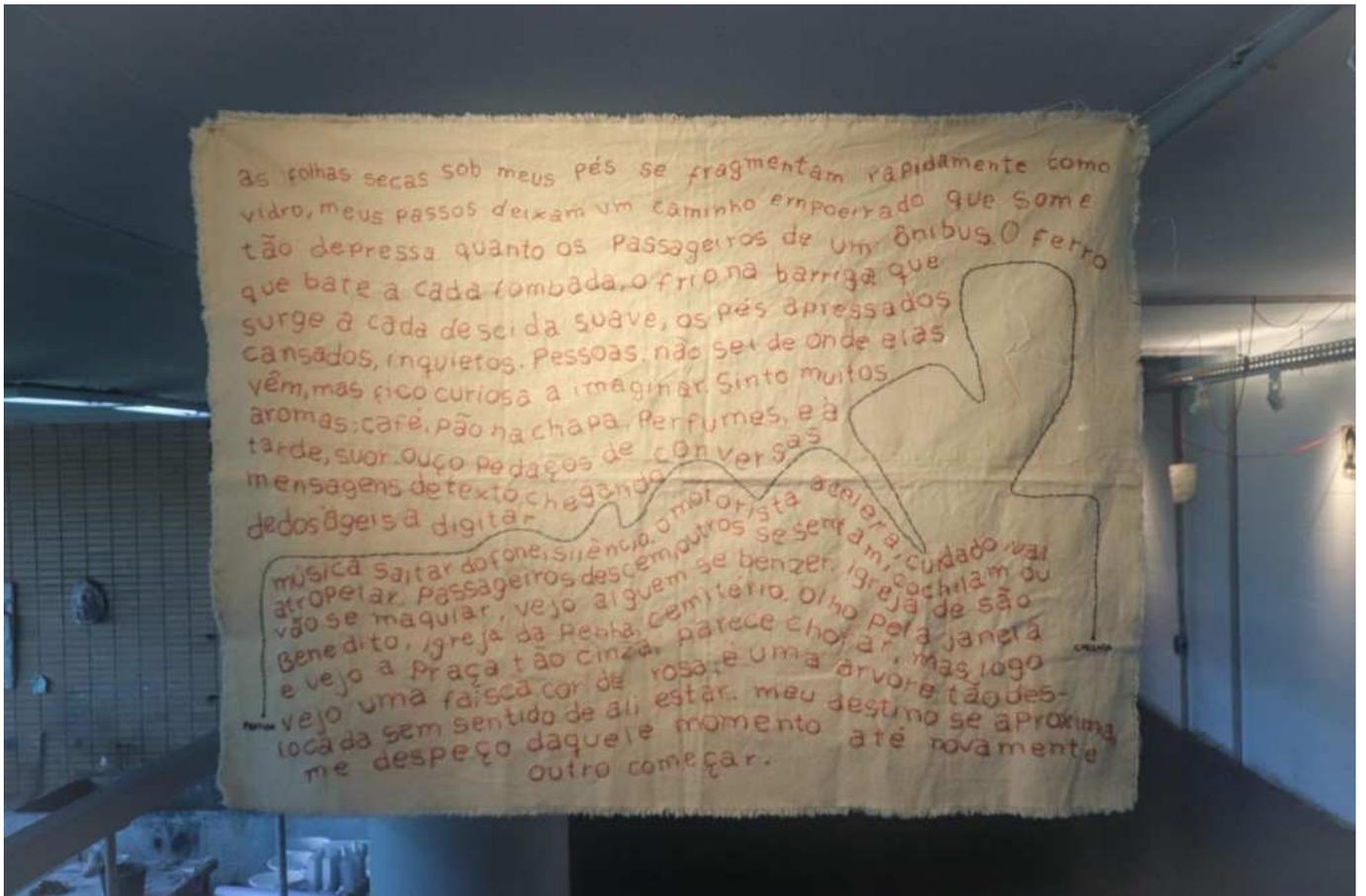


Figura 12: SILVA, Alice. "Quotidiano", bordado em tecido algodão cru, dimensões: 65 cm x 47 cm, Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.

“As folhas secas sob meus pés se fragmentam rapidamente como vidro, meus passos deixam um caminho empoeirado que some tão depressa quanto os passageiros de um ônibus. O ferro que bate a cada lombada, o frio na barriga que surge a cada descida suave, os pés apressados, cansados, inquietos. Pessoas. Não sei de onde elas vêm, mas fico curiosa ao imaginar. Sinto muitos aromas: café, pão na chapa, perfumes, e à tarde, suor. Ouço pedaços de conversas, mensagens de texto chegando, dedos ágeis a digitar, música saltar do fone, silêncio. O motorista acelera, cuidado, vai atropelar. Passageiros descem, outros se sentam, cochilam ou vão se maquiar, vejo alguém se benzer, Igreja de São Benedito, Igreja da Penha, cemitério. Olho pela janela e vejo a praça tão cinza, parece chover, mas logo vejo uma faísca cor de rosa, é uma árvore tão deslocada sem sentido de ali estar. Meu destino se aproxima, me despeço daquele momento até novamente outro começar.”

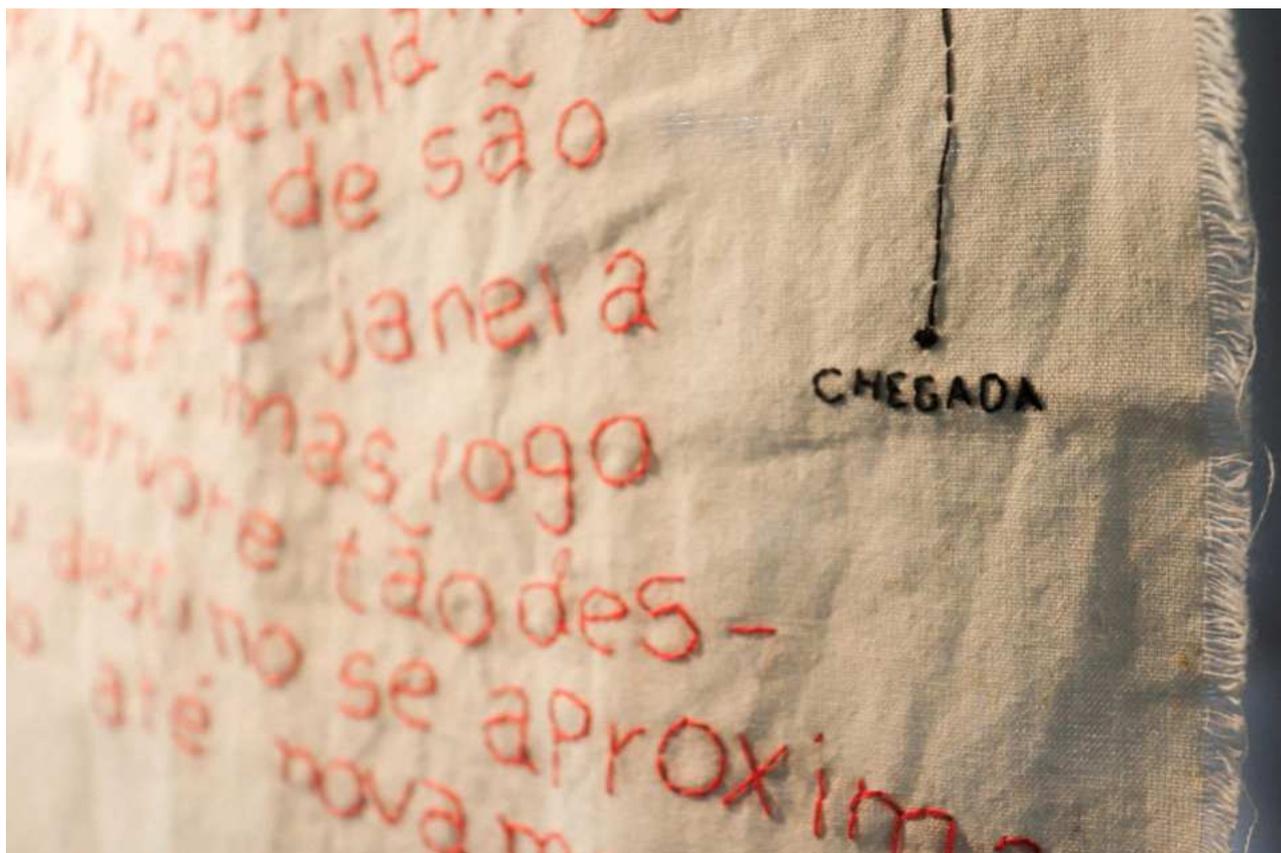


Figura 13: SILVA, Alice. Recorte "Quotidiano", Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.

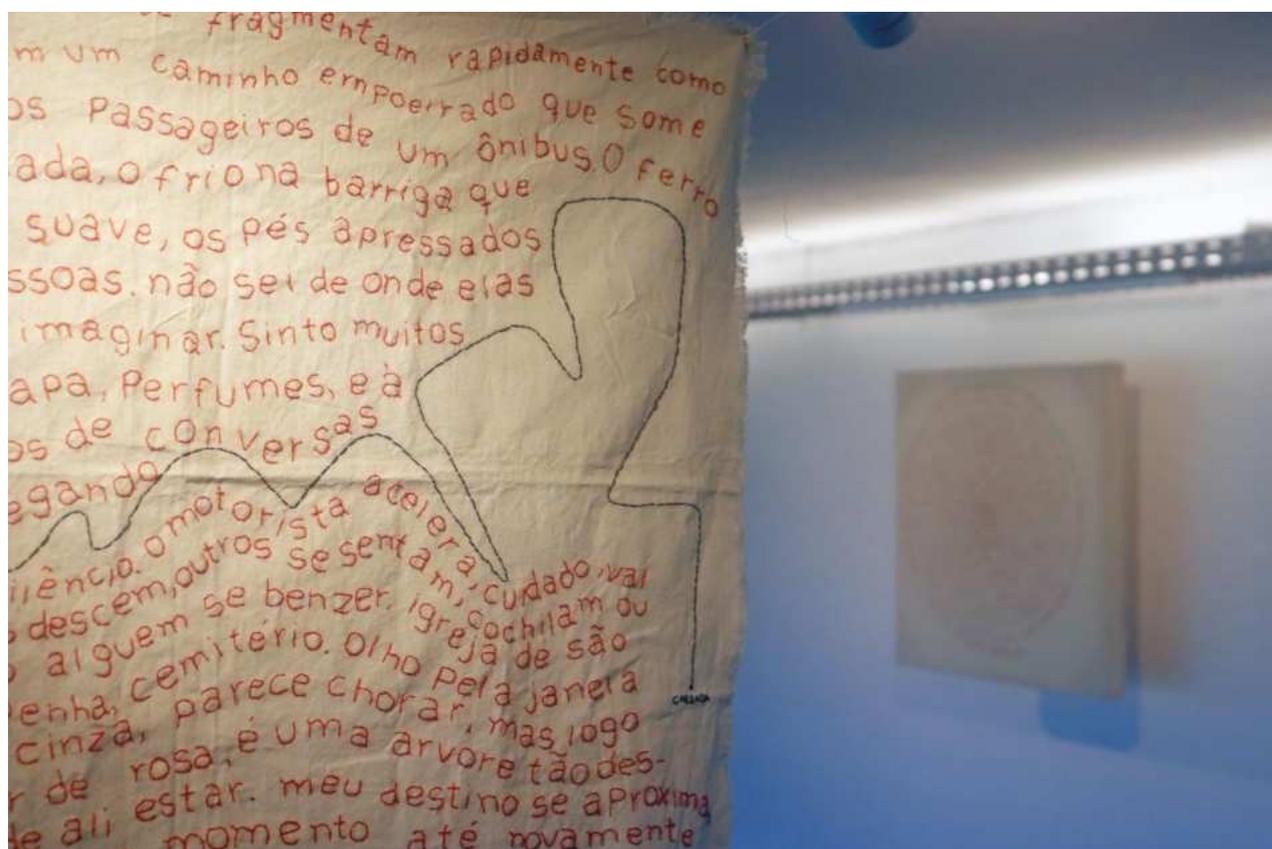


Figura 14: SILVA, Alice. Recorte "Quotidiano", Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.

4.3. Nós Somos

Pensando na contemporaneidade e na velocidade da tecnologia atual, onde o bombardeio de informações e a distância física são grandes, essa obra traz o desejo de materializar através do amontoado de nomes o significado de identidade e coletivo. Bordada sobre o tecido algodão cru, a obra não trata somente do “ser alguém passageiro” ao iniciar no centro do tecido variedades da palavra “efêmero”, trago quase como um jogo de caça palavras ao observador na busca do seu próprio nome ao ansiar também fazer parte da obra. “Nós Somos” é uma maneira de homenagear as pessoas que passaram por nossas vidas e deixaram um pouco de si em nós, a maneira que elas chegam e se vão nos afetam durante o curto percurso da vida, de tal modo, querer eternizá-las em algo que provavelmente também se perderá com o tempo, me faz recordar da frase de Chico Buarque “Tudo é vário. Temporário. Efêmero. Nunca somos, sempre estamos” e é entre esse céu e essa terra que nós somos (WERÁ, Kaká *in* LIMA, Martha Batista de org. pág. 42, 2023).

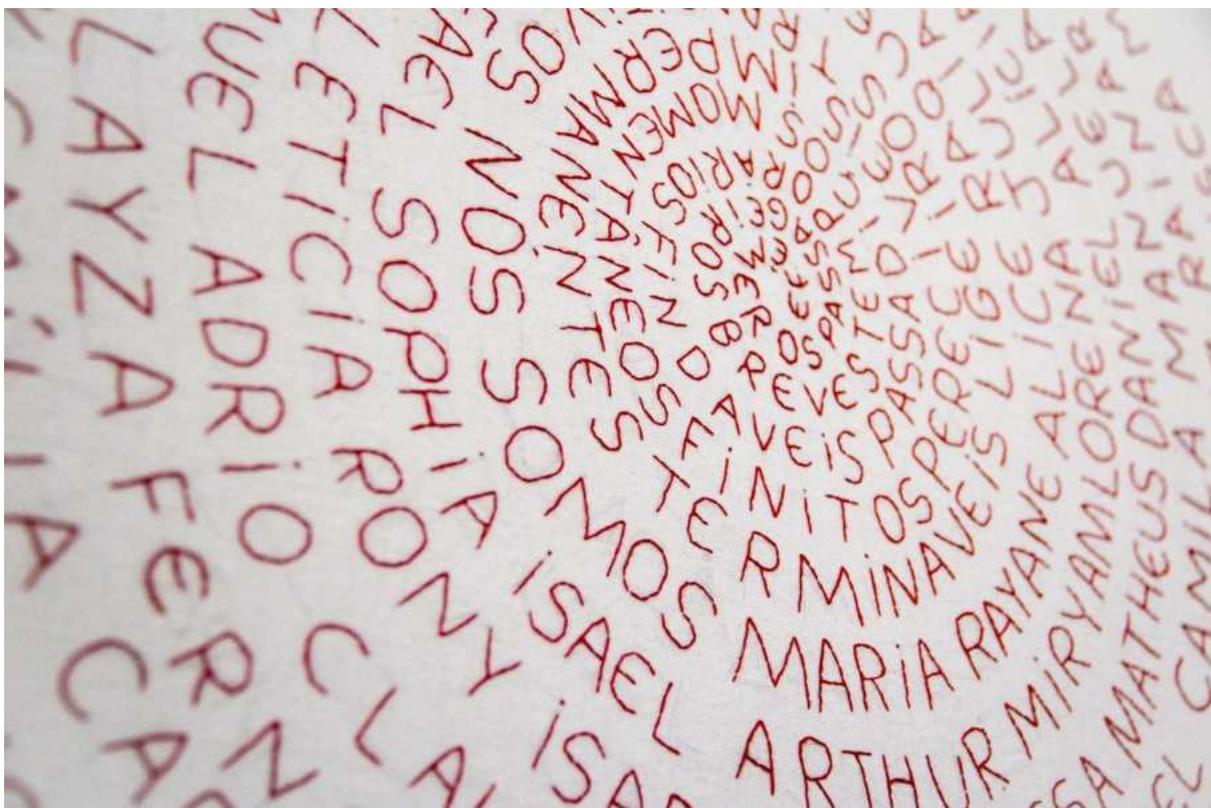


Figura 15: SILVA, Alice. Recorte "Nós Somos", Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.

do indivíduo nativo de forma lúdica e onírica. Durante a leitura, me deparei com trechos convergentes aos meus pensamentos e anseios acerca do tempo-agora.

“Estamos em constante passagem e nossa origem é desconhecida para muitos, mas há o caminho vivo a que se quer chegar [...] Eis que tudo então é só o instante e logo já estará passando outra coisa [...] Meu avô vai devolver tudo; vai devolver o porquê de todas as histórias, a simplicidade da vida [...] Nunca haverá uma conclusão e minha passagem é tão temporária como essas aparentes demandas e suas urgências.” – (ESBELL, Jaider. pág. 9, 2018).

Acredito que estas falas atravessam não somente as minhas obras, mas todo o trabalho aqui contido a partir da premissa de trazer as questões acerca da existência desse corpo ancestral repleto de vivências e pensamentos ternos que muitas vezes é esquecido dentro desse vasto sistema que insiste em travar a disputa entre as superioridades de saberes, experiências e trajetórias. Além disso, Esbell através do texto incita sobre as relações familiares ao estar citando seu avô, Makunaima, mesmo que de forma mística ao dizer que ele é uma força, algo que se revela de muitas formas – até como beija flor.



Figura 17: ESBELL, Jaider. Makunaima – VI. Fonte: Iluminuras. Porto Alegre, 2018.

4.4. Elos Identitários

Nesta obra, trato de forma direta o apagamento identitário através da impressão manual de fotografias 3x4 com os rostos apagados de documentos reais em tecido de algodão cru. Embora possua apenas 17 rostos sendo usados para a composição da instalação, é um trabalho que se expande em quantidade material à medida que mais desses relatos de identificação com esse não pertencimento e fragmento de identidade chegam até mim. De familiares a poucos conhecidos, esta obra se interliga uns aos outros através de um fio vermelho trançado a mão que se encarrega de unir as fotografias a um rolo de linha vermelha dentro de uma pequena cerâmica no chão.



Figura 18: SILVA, Alice. "Elos Identitários", decoupage em tecido algodão cru e cerâmica, instalação. Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.



Figura 19: SILVA, Alice. Recorte "Elos Identitários", Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.

Seja indígena ou negro - ou ambos, a instalação demonstra imagetivamente o sentimento de não ter um lugar para chamar de seu. Traduz séculos de apagamento e violência, criando uma imagem estarrecedora, assim como é conviver com a incerteza de poder se declarar pertencente a um grupo e se irão te legitimar dentro dele. A cerâmica colocada no chão intitulada "Nascente" funciona como abrigo, a representação da ancestralidade, da origem, que liga todas as ramificações e os elos da obra mostrando a pluralidade existente e que tudo nasce de um lugar. E, assim como um rio que corre por uma nascente distante, enquanto tivermos uns aos outros para conversar sobre essas urgências e dar continuidade a essa memória ancestral, esse rio que dessalga dentro de nós continuará conectando todos os sistemas necessários para que todo o resto corra bem.

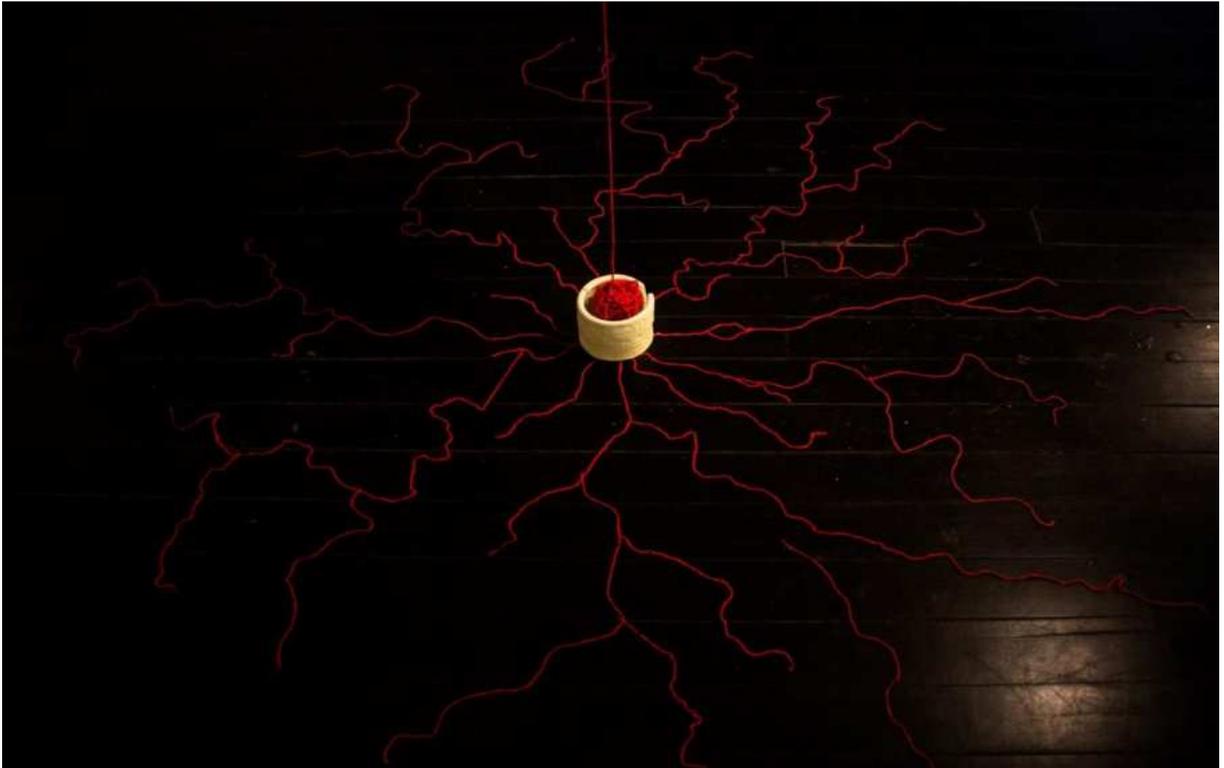


Figura 20: SILVA, Alice. Recorte Nascente "Elos Identitários", Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.



Figura 21: SILVA, Alice. Recorte Nascente "Elos Identitários", 12,5 cm x 9 cm. Galeria Mezanino - UFRJ, 2022.

5. “TERRA FORTUNA” NO MUSEU DA REPÚBLICA

Terra Fortuna é um bordado produzido em parceria com uma artista amiga, Alícia Nolyq, exposto no Museu da República, situado no bairro Catete no Rio de Janeiro, em 2022. Possuindo grandes dimensões em comparação as obras anteriormente, foi produzido a partir dos estudos realizados por nós duas sobre as riquezas que construíram o palácio do Catete, sede do poder executivo que perdurou por 63 anos e que, até hoje, possui uma exuberante arquitetura e ornamentos pintados no seu interior.



Figura 22: Piso nobre, Museu da República, 2022.
Foto: Alícia Nolyq

Em 1821, Antonio Clemente Pinto, mais conhecido como o primeiro Barão de Nova Friburgo, título atribuído a ele em 1856, chegava ao Brasil. Durante sua estadia no Rio de Janeiro, passou de pequeno comerciante a grande proprietário de terras. Acumulou uma grande fortuna proveniente da plantação cafeeira, entre elas a mais bem sucedida situada na região de Cantagalo, também possuía cerca de quinze fazendas com sedes sofisticadas além de diversas construções urbanas, a qual foi deixada aos seus herdeiros após seu falecimento em outubro de 1869 (MARRETO. pág. 5, 2015).

Com base nisso, indo pouco mais afundo para chegar à origem dessa riqueza, é explicitado que foram mais de 2mil escravizados distribuídos por suas fazendas sendo instrumentos de faturamento para o aumento dessa riqueza. Dessa forma, bordamos em um tecido de algodão cru nas dimensões de 160 cm x 180 cm cartografia do estado do Rio de Janeiro marcada por uma saca de café situada no ponto onde seria a região de Cantagalo fazendo alusão a essa plantação tão bem sucedida. Além da cartografia, navios negreiros chegando ao Brasil, tecido demonstrando tanto a “exportação” de escravizados, e grafismos indígenas das etnias Tupinambá/ Puri / Coroados aludindo à migração dos povos originários do litoral após a invasão de suas terras fazendo que os mesmos tivessem que se deslocar para dentro do país em sentido a outros estados.

Este trabalho foi exposto na exposição “O que restou de ontem: Intervenções no Museu da República” orientado pela docente da Escola de Belas Artes, Beatriz Pimenta, onde contou com a colaboração de mais de 30 artistas discentes de diferentes cursos. Também foi apresentado juntamente com minhas obras na 12ª Semana de Integração Acadêmica da UFRJ, onde recebeu Menção Honrosa em julho de 2023, sendo avaliada como tema relevante para o corpo acadêmico contemporâneo.



Figura 23: Alice Silva & Alcía Nolyq. "Terra Fortuna", bordado em algodão cru, dimensões: 160 cm x 180 cm, Museu da República, 2022.



Figura 24: Alice Silva & Alcía Nolyq. Recorte "Terra Fortuna", Museu da República, 2022. 38

6. À GUIA DE CONCLUSÃO

A presente monografia proporcionou um lugar de fala exclusivo para as vivências compartilhadas dentro e fora do âmbito acadêmico, trazendo ao centro a história e a sensibilidade do corpo indígena em relação às subjetividades através de obras de minha autoria, fazendo a correlação entre o apagamento identitário e seu possível resgate dentro de uma recuperação que acontece de forma individual e que se reflete no coletivo dentro das cidades.

O objetivo deste trabalho não está apenas ligado à intenção de completar mais uma etapa dentro do ciclo acadêmico, mas principalmente em dar voz ao que muitos de nós, povos indígenas, desejamos fazer: contar a nossa história do nosso ponto de vista, analisando e colocando no mundo nossa ancestralidade como indivíduos contemporâneos que não têm uma cultura congelada no tempo como muitos nesta sociedade acreditam que seja, quando na prática é a sociedade que tanto se transforma, mas pouco evolui em termos dos direitos dos povos originários.

Dessa forma, podemos perceber através da sensibilidade e delicadeza do bordado a importância de enfrentar a violência sofrida, mas sem deixar para o por vir que também é mecanismo de cura e de libertação, seja ela de antigos preceitos ou aprendizados arraigados que são formas de negar a existência ou continuidade de um saber ancestral tão importante e que aos poucos, se não ouvirmos ou falarmos sobre ele, findará junto ao silêncio.

É dizer o que muitos pensam que ficou no passado e não tem importância para o presente, mas a história do povo Puri nos mostra o contrário. Certa vez, durante uma orientação, Elisa me contou como grupos de pesquisas da etnia Puri estão sendo imprescindíveis na revitalização da língua nativa por meio das canções ensinados no território da aldeia pluriétnica Maraká'nà, aqui no Rio de Janeiro. Uma parte considerável do povo brasileiro não sabe de onde veio, portanto, somente o retorno à origem, esse mergulho no passado primordial do ser humano, possibilita regenerar a existência.

7. BIBLIOGRAFIA

(s.d.).

BENITES, S. (s.d.). Conferência +além+. (J. VASCONCELLOS, Entrevistador)
<https://maisalemais.wordpress.com/>

CÍRCULO. (2020). *Origem do bordado*. Acesso em setembro de 2023, disponível em
Círculo: <https://www.circulo.com.br/post/tudo-sobre-bordado-descubra-agora>

GRODIN, M., & VIEZZER, M. (2020). *Abya Yala! Genocídio, Resistência e Sobrevivência dos Povos Originários das Américas*. Rio de Janeiro: Bambual.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. (s.d.). *Mapa Etno-histórico de Curt Nimuendajú*. Acesso em 15 de Junho de 2023, disponível em IPHAN:
<http://portal.iphan.gov.br/indl/pagina/detalhes/1563>

ESBELL, Jaider. (2018) *Makunaima, o meu avô em mim!* Iluminuras, Porto Alegre, 2018.

LIMA, M. B., XACRIABÁ, C., FULNI-Ô, H. W., TUKANO, D., PRIPRÁ, W. C., KAINANG, J., et al. (2023). *Oboré: Quando a terra fala*. Instituto Arapoty.

MARRETO, Rodrigo Marins. De traficante de escravos a Barão de Nova Friburgo: a trajetória de Antônio Clemente Pinto na primeira metade dos oitocentos. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Lugares dos historiadores: velhos e novos desafios. Disponível em:
https://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1439403126_ARQUIVO_Detrafi_cantedeescravosaBaraodeNovaFriburgo.pdf

NAZARETH, P. (28 de março de 2019). "Mas não se come com a mão de qualquer jeito...". (E. MAGALHÃES, A. LEAL, F. SCOVINO, J. VASCONCELLOS, Í. ISIS, M. ANJOS, et al., Entrevistadores) Disponível em:
<https://revistas.ufrj.br/index.php/ae/article/view/27906>

PAULINO, R. (1994/2015). *Parede da Memória*. Disponível em:
<https://rosanapaulino.com.br/>

PEREIRA, Carolina Nascimento; TRINCHÃO, Gláucia Maria Costa. O bordado como ferramenta educacional no Brasil entre os séculos XIX e XX. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/101244/pdf>